

O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA E AS POSSIBILIDADES DE PRESERVAÇÃO DA SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR

THE PRACTICE OF TEACHING AND THE POSSIBILITIES FOR PRESERVING THE MENTAL HEALTH OF TEACHERS

Valéria Maria da Conceição Mota^(*)

Maria Elizabeth Antunes Lima^(**)

RESUMO

No presente artigo, apresentamos um estudo de caso que traz evidências de que a preservação da saúde mental do professor, mesmo estando submetido a condições de trabalho que em muitos casos são consideradas patogênicas, depende da associação de suas características individuais e uma determinada forma de organização do trabalho que lhe permita criar formas inovadoras de realizar sua atividade a partir dos meios disponíveis, estabelecendo trocas de experiências com seus pares.

Palavras chave: Docência, Saúde, Trabalho, Experiência, Autonomia.

ABSTRACT

In this paper, we present a case study that provides evidence that the preservation of the mental health of teachers, despite being subjected to working conditions which in many cases are considered pathogenic, depends on the association of their individual characteristics and of the particular form of work organization that allows the creation of innovative ways of conducting their activities from the available resources, establishing exchange experiences with their peers.

Keywords: teaching, health, work, experience, autonomy.

O presente artigo pretende contribuir para as discussões sobre as possibilidades de preservação da saúde mental do professor no exercício de sua atividade profissional, apesar de, muitas vezes, estar submetido a condições de trabalho consideradas patogênicas nos dias atuais.

(*) Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Laboratório de Extensão, Estudos e Pesquisa em Psicologia do Trabalho da UFMG. *E-mail*: <valemota@uai.com.br>.

(**) Doutora em Psicologia. Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Núcleo de Saúde Mental e Trabalho. Pesquisadora do Laboratório de Extensão, Estudos e Pesquisa em Psicologia do Trabalho da UFMG. *E-mail*: <antuneslima15@gmail.com>.

Para exemplificar nossa análise, apresentamos o caso de uma docente que, há 25 anos nessa profissão, foi capaz de forjar estratégias valendo-se das condições que o meio lhe proporcionava, para garantir a sua saúde. Esse estudo de caso se originou a partir de uma investigação para o programa de pós-graduação em psicologia da UFMG, sobre o exercício da docência e a preservação da saúde mental do professor, levando em consideração as suas condições de trabalho e existência.

Para facilitar a apreensão do objeto de maneira mais adequada, nossa opção foi pelo método biográfico, proposto por Louis Le Guillant (2006), segundo o qual todas as perspectivas possíveis a respeito do objeto devem ser investigadas, desde que seja respeitada sua integridade ontológica.

Desse modo, adotamos como instrumentos de nossa investigação, as observações clínicas do trabalho e o estudo de caso associando-os, pois uma apreensão fidedigna a respeito do trabalho do professor somente seria possível se transitássemos entre os dados obtidos na análise das condições objetivas da docência e aqueles coletados na história do sujeito, num “ir e vir” constante de uma perspectiva à outra, conforme nos indica Lima (2004, p. 144) ao discorrer sobre as questões da escolha do método mais adequado quando se pretende pesquisar em psicologia do trabalho.

Desse modo, o caso que relatamos a seguir será ilustrado com falas da própria professora, pois conforme Le Guillant (2006) esta é a melhor maneira de apreendermos a realidade e “*tornar perceptíveis os aspectos sensíveis de situações que escapam sempre, em parte, àqueles que não as vivenciaram*” (p. 332), pois para esse autor essa é a forma mais adequada de garantirmos a realização de um estudo objetivo a respeito das condições de vida e trabalho do sujeito.

1. A HISTÓRIA DE CRISTINA⁽¹⁾

Cristina é professora desde seus 18 anos de idade e leciona para o 1º ciclo na Escola Municipal Brasileira (EMBRA) há 10 anos. Como estávamos realizando observações a respeito do trabalho docente nessa escola, consideramos que seria pertinente conhecer sua trajetória profissional em profundidade, uma vez que tinha uma longa experiência de trabalho na docência. Assim, expusemo-lhe nossos objetivos e lhe propusemos que relatasse sua história e contribuísse, para o nosso estudo a respeito do trabalho docente.

Ela prontamente concordou em nos conceder as entrevistas. É interessante destacar que essa professora iniciou a descrição de suas experiências comentando que, em sua opinião, as histórias bem-sucedidas na docência também merecem ser estudadas e divulgadas.

Cristina tem três filhos com idade de 14, 12 e 9 anos. Tenta conciliar sua vida profissional com a maternidade. Mesmo sendo comprometida com seu trabalho,

(1) Tanto o nome da escola quanto o nome da professora foram mantidos em sigilo, desse modo optamos por utilizar nomes fictícios.

procura estar sempre próxima da família. Não abre mão de almoçar em casa todos os dias e, por esse motivo, gosta de trabalhar perto de sua residência. Apesar do tempo reduzido para almoço, tenta conciliar seus diversos afazeres — uma vez que trabalha pela manhã em uma escola e à tarde em outra — procurando não se entregar à ansiedade. Tudo indica que o fato de valorizar sua vida pessoal a ajuda na preservação de sua saúde mental. O trabalho é importante na vida dessa professora, mas ela também encontra satisfação fora dele. É capaz de conciliar a vida pessoal e profissional, reconhecendo que uma está entrelaçada com a outra.

Eu, na verdade, eu acho que consigo lidar com a situação porque eu não levo problema para casa não. Não levo. Então, quando eu saio daqui às onze e meia, eu só vou pensar aqui às sete horas da manhã do outro dia; porque se eu levar pra casa não tenho vida... Porque, além disso, aqui, eu tenho muita vida para viver.

Após tornar-se mãe, Cristina observou que seu trabalho como professora se desenvolveu: passou a ter mais paciência com os alunos e a se preocupar com eles, além de conseguir compreender as dificuldades das mães das crianças, embora considere que entre as duas funções existem diferenças, ou seja, ela sabe diferenciar muito bem seus papéis de mãe e professora.

Sua filha lhe disse que quer ser professora e mãe quando crescer. Cristina se sente orgulhosa com a escolha da menina porque acha que a sociedade e os meios de comunicação têm enfatizado apenas as dificuldades da carreira docente e, desse modo, fica difícil que alguém ainda queira ser professora. No entanto, tal escolha sugere que Cristina representa um modelo positivo para a filha.

1.1. O início da carreira profissional

Cristina sempre trabalhou como professora. Formou-se no magistério pelo Instituto de Educação em Belo Horizonte e mais tarde cursou Pedagogia na mesma instituição. Iniciou sua carreira docente aos dezoito anos de idade, trabalhando inicialmente em uma escola estadual como professora contratada para um curso pré-escolar de férias.

Quando crianças, Cristina e seus irmãos, moravam na zona rural de uma cidade do interior de Minas Gerais. Era necessário percorrer uma longa distância a pé ou a cavalo para ir à escola. Muitas vezes, ela trocava a merenda que sua mãe preparava em casa pelas merendas das crianças da cidade. Levava também frutas para seus colegas e, por esse motivo, conseguia ser popular entre eles. Juntamente com seus irmãos, muitas vezes, vendia laranjas e biscoitos feitos por sua mãe para ajudar nas despesas de casa.

Cristina sempre procurou cumprir bem aquilo a que se propunha. Considera que sua trajetória como estudante foi bem-sucedida, pois acha que soube aproveitar as oportunidades que seus pais lhe proporcionaram. Orgulha-se de ter sido boa aluna e de ter sido reconhecida por sua capacidade e inteligência nas escolas onde estudou,

isso compensava o fato de ser uma criança de origem humilde, perante seus colegas. Empenhava-se para se sobressair na escola, com os recursos que dispunha, obtendo bons resultados na aprendizagem.

Sua mãe sempre incentivou os filhos para que estudassem e progredissem na vida profissional. Morando em zona rural, onde ainda não havia chegado iluminação elétrica, Cristina e seus irmãos faziam os deveres de casa sob a luz de lamparina.

Já morando na Capital, logo que se formou no Magistério, começou a trabalhar no período da tarde enquanto cursava Pedagogia pela manhã. Tentou o concurso para ser professora na Prefeitura de Belo Horizonte e foi aprovada.

Em sua carreira docente, durante cinco anos e antes de se casar, trabalhava nos três turnos. Foi professora de um curso de magistério aos 21 anos de idade, sendo mais jovem que algumas de suas alunas. Também trabalhou como educadora em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) e mais tarde, com adolescentes de 5º e 6º anos. Quando ingressou na escola da Prefeitura foi designada para ministrar os cursos de educação física e educação artística. Não tendo escolha, por ser novata na escola, procurou se aperfeiçoar para conseguir desempenhar bem suas atividades em sala de aula. Enfatiza que os professores novatos não têm possibilidade de escolher a turma com a qual vão trabalhar e têm que aceitar a turma que lhes é atribuída. Ela se sente gratificada quando encontra algum de seus antigos alunos, já adolescente, e que a reconhece como uma de suas primeiras professoras.

Revela ter sido uma profissional mais retraída no início da carreira em razão de sua origem humilde e interiorana. Disse que se sentia muito insegura. Entretanto, a partir da experiência que foi adquirindo no dia a dia da docência, foi se sentindo mais confiante e acreditando na sua capacidade.

Na época da graduação, relata que foi elogiada diante de sua turma de faculdade, por uma professora considerada muito rigorosa. Ela destaca esse fato como um marco em sua trajetória de vida, pois, desde então, passou a confiar mais na própria capacidade: “Cada vez que você vai alcançando resultados positivos, você tem que acreditar que você é capaz mesmo. Então, você vai procurar fazer mais e mais.”.

1.2. A reação diante das prescrições do trabalho

Cristina diz gostar de seu trabalho. Entretanto, considera que em uma determinada época de sua trajetória profissional não conseguiu realizar bem suas atividades, fracassando na alfabetização de seus alunos. Ainda hoje ela se lembra do nome das crianças dessa turma porque se sentiu responsável pelo fato de não terem conseguido bons resultados.

Isso ocorreu na época da implementação das ideias construtivistas⁽²⁾ nas escolas municipais, quando Cristina tentou seguir essas tendências e utilizar a metodologia sugerida para realizar o seu trabalho de alfabetizar as crianças. Durante o primeiro

(2) O Construtivismo é uma corrente teórica que considera o desenvolvimento intelectual humano a partir das ações mútuas entre indivíduo e meio. Como corrente pedagógica contemporânea, concebe que a educação deve ser um

ano da implantação da Escola Plural⁽³⁾, tentou seguir as prescrições dessa nova proposta, mas, como percebeu que não estava conseguindo os resultados esperados, preferiu retomar o estilo tradicional de ensinar, passando a se guiar pela sua experiência e fazer aquilo em que acreditava. Ainda hoje se arrepende de não ter confiado mais na sua experiência durante esse período, julgando ter prejudicado a turma da qual era regente.

Como se recusou a obedecer às novas diretrizes, foi rotulada como conteudista e tradicionalista por alguns colegas, mas optou por utilizar o modelo que julgava mais eficiente e que conhecia bem. Sua própria experiência e percepção lhe mostraram que aqueles inovadores modelos pedagógicos vinham prontos para ser executados sem levar em conta o dia a dia do professor e da clientela. Procurou, então, seguir as novas tendências, mas sem abandonar por completo as formas tradicionais de ensinar. A sua disposição para enfrentar críticas e apostar no seu próprio conhecimento foi resultante do seu comprometimento com o trabalho. Preferiu não cumprir cegamente todas as prescrições do novo modelo pedagógico que estava sendo proposto e percebeu que, assim, estava obtendo melhores resultados com o seu trabalho: “Pensei: Não vá pela cabeça de ninguém, não. Faça o que é certo para você. E meu trabalho foi dando certo. E fui acreditando cada vez mais no meu trabalho e foi dando certo.”

Cristina ressalta que as prescrições externas muitas vezes não facilitam o trabalho do professor, especialmente quando não levam em consideração o dia a dia da escola, o tipo de clientela e a situação socioeconômica das famílias. Ela se queixa ainda de não poder contar com o apoio das famílias dos alunos, pois, em sua maioria, não são aliadas do professor. O papel de orientar as crianças nas condutas básicas e regras de boa convivência em sociedade está sendo negligenciado pelas famílias, em sua opinião. Por esse motivo, o professor fica sobrecarregado. Cabe a ele, além do papel de alfabetizar, tentar passar para o aluno as regras de comportamento e de convivência social. Considera que quando os resultados não são bons, os professores muitas vezes são responsabilizados pelo fracasso dos alunos: “Nós temos uma leva de semianalfabetos aí fora, no mercado de trabalho... E a culpa caindo sobre nós professores. E eu acho que, na verdade, é do sistema que impôs isso pra gente.”

Dessa forma, Cristina reforça que a adoção das diretrizes elaboradas sem se considerar a experiência do professor em sala de aula não são benéficas para o desenvolvimento de seu trabalho como professora. Em sua opinião, o trabalho docente é desqualificado, pois o professor não passa, nesses casos, de um “animador de programa infantil”. No período da implantação das inovações educacionais, cada

processo de construção do conhecimento baseado na complementaridade dos saberes de professores e alunos, levando em conta o contexto social atual e todo o acervo cultural já construído pelo homem. Conforme a proposta da Escola Plural, a educação deve ser construída a partir dos saberes e da participação dos sujeitos que a exercitam, seja como educando ou como educador. Considera também a escola como espaço de vivência cultural e de experiência de produção coletiva. Veja mais em Becker F. O que é construtivismo. *Revista de Educação AEC*. Brasília. Vol. 21. n. 83, p. 7-15, abr./jun. 1992.

(3) Escola Plural: proposta curricular fundamentada no direito à educação e na construção de uma escola inclusiva, que foi implementada a partir de 1994 nas escolas da rede do município de Belo Horizonte e consistiu numa tentativa de acolher os múltiplos projetos e práticas inovadoras que já estavam acontecendo nas instituições de ensino, em um projeto político pedagógico legitimado pelo governo.

professor agia da maneira que considerava correto, pois ninguém foi preparado adequadamente para trabalhar com a nova proposta de ensino. A direção das escolas também tinha dificuldade em gerir o processo de mudança, pois muitos docentes ainda preferiam trabalhar do modo tradicional e, em muitos casos, conseguiam mais êxito do que os que estavam tentando adotar as técnicas novas. Para ela, a nova proposta estava baseada em um modelo de escola ideal, que não correspondia à realidade da clientela. “Aí, mostravam aqueles vídeos, era um grupo pequeno de alunos com a orientadora ali do lado, a professora ali do lado. Não tinha como fazer isso com uma turma de 25, 30 alunos... Impossível... Assim... de uma hora pra outra?”

A saída encontrada por Cristina para conseguir trabalhar foi a de continuar seguindo o modelo tradicional, adaptando-o, conforme sua experiência, com os alunos. Confiante em sua capacidade, ela preferiu apostar em seu saber e criar novas normas de realização de seu trabalho, não ficando restrita às diretrizes que, particularmente, percebeu como imposições⁽⁴⁾ do governo municipal. À medida que trabalhava com as crianças, foi observando que não bastava aplicar as regras, mas era preciso criar um estilo próprio de trabalho que favorecesse a obtenção dos resultados esperados. Pouco a pouco, conseguiu integrar os aspectos das novas diretrizes ao seu modo de trabalhar. “Algumas coisas são interessantes, os projetos são interessantes... mas têm outras que você vê que não dá, não vai dar resultado. Você pega o fio da questão lá, o que é mais interessante e adapta à sua turma e a seu jeito de trabalhar.”

Além disso, para essa professora, os resultados não estavam vinculados apenas aos objetivos a serem alcançados de acordo com as regras, mas tratava-se de uma meta pessoal, pois se sentia responsável pelo futuro das crianças. Percebemos que em sua trajetória profissional ela sempre foi comprometida, sendo a sua maior preocupação os resultados obtidos com seus alunos.

1.3. A escola, as tarefas do professor e o ambiente de trabalho

Cristina trabalha como professora efetiva na EMBRA pela manhã e durante o turno da tarde leciona em outra escola da Rede Municipal de Ensino. Seu dia de trabalho inicia às 7h00 min e termina às 17h30min. Embora exerça a mesma função nas duas instituições, existem algumas diferenças nas tarefas que lhe são atribuídas. Isso ocorre conforme a organização da escola e Cristina acha conveniente para ela.

Na EMBRA, atualmente, ela é responsável por ensinar todas as disciplinas do currículo, exceto Educação Física e Espaço e Formas — esta última, uma disciplina

(4) Conforme o Caderno 0 (zero) da Proposta Político-pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, publicado em 1994, a Escola Plural foi elaborada a partir das experiências em docência, que muitas vezes tinham um caráter transgressor, ainda que legítimo. A proposta consistiu em “recolher ricos materiais existentes nas escolas e construir coletivamente uma proposta da rede municipal, assumida e garantida pelo Governo” (p. 10). Desse modo, buscou-se a construção de uma “direção mais coletiva” para legitimar “essa pluralidade de experiências” que foram, então, “assumidas como propostas de Governo”. Assim, ressaltamos que as afirmações de Cristina a respeito da Escola Plural, foram fielmente transcritas no presente estudo, revelando seus conceitos e opiniões particulares. Em respeito à experiência da docente, não nos cabe questionar sobre a veracidade ou adequação de suas opiniões, pois consideramos que é o trabalhador quem mais sabe e tem a dizer sobre a sua atividade.

criada para substituir as aulas de educação artística e que trata de aspectos da geometria e da matemática entrelaçados às artes. Na escola em que leciona no turno da tarde, é responsável por ensinar língua portuguesa, ciências, artes e literatura. Tinha pouco tempo que havia entrado para essa escola para onde se transferiu por se localizar perto de sua casa. Na outra escola onde lecionava à tarde, antes da transferência, era responsável pelas aulas cujos conteúdos envolviam somente a língua portuguesa, ou seja, gramática, literatura e produção de textos. Nessa escola, foi professora durante 12 anos e só pediu transferência porque decidiu trabalhar mais perto de casa, mas ela reconhece que não é tão simples deixar o local de trabalho onde se está entrosado para recomeçar em outro.

Se Deus quiser, esse ano eu saio daqui, não porque eu não gosto da escola. Eu amo essa escola, mas eu quero ir para próximo da minha casa... Eu gosto de trabalhar perto de casa. Mas eu acredito no tempo da gente também. [...] Agora, só quero sair daqui pela distância... Sair da zona de conforto é muito difícil, sair do seu lugar de conforto e ir para um lugar aonde não conhece ninguém. Poderia ficar aqui... mas eu preservo muito a minha qualidade de vida fora daqui. Fora daqui... há muito além disso. É qualidade de vida poder almoçar em casa, poder ver meus filhos.

Afastar-se da EMBRA, onde leciona há 10 anos, e de suas colegas de trabalho faz, em alguns momentos, com que Cristina tenha dúvidas sobre esse pedido de transferência, mas estar mais próxima de sua família é primordial. Além disso, ela prefere trabalhar em mais de uma escola por considerar que, assim, tem oportunidade de lidar com pessoas diferentes, em ambientes diversos, com outros estilos de direção e tem mais oportunidade de aprender coisas novas e conhecer outras pessoas. Isso provavelmente contribui para que seu trabalho lhe pareça mais interessante e desafiador.

Em um período de sua vida profissional, trabalhou na mesma instituição escolar nos turnos da manhã e da tarde, mas percebeu que o seu desgaste era maior. Sentia-se entediada por ter que se relacionar com as mesmas pessoas, almoçar sempre na companhia delas – pois ainda não tinha filhos —, conversar sobre os mesmos assuntos. Optando por trabalhar em escolas diferentes, Cristina proporciona a si mesma, oportunidades de ter contato com experiências de trabalho diversificadas desde que isto seja em escolas próximas à sua residência. Sua vida pessoal não pode ser negligenciada, até mesmo em favor do trabalho. “Ah! Eu quero coisas diferentes. Cada pessoa é de um jeito. Os diretores, apesar das mesmas diretrizes, cada um encara de uma forma diferente. Acho que por isso é legal. Eu fecho a janela da EMBRA e começo na EMA⁽⁵⁾... É diferente.”

(5) Utilizamos um nome fictício para denominar essa escola que também pertence à Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Entretanto, não tivemos oportunidade de realizar observações do trabalho docente nessa instituição escolar, mas Cristina ressalta que, nesse caso, o corpo docente é dividido em equipes. Cada equipe de professores é responsável pelas turmas de cada ciclo de idade. Quando algum professor precisa faltar, só pode ser substituído por outro da mesma equipe. Desse modo, há uma preocupação entre os profissionais de não ficar num grupo onde há um docente que se ausenta do trabalho com muita frequência. Mas nem sempre é permitido ao professor escolher o grupo com o qual quer trabalhar, especialmente quando é novato. Na EMBRA, se um professor faltar, seus alunos são distribuídos entre as outras turmas e, caso isso seja impossível, a coordenadora é quem vai substituí-lo.

Ela tem hábito de preparar os planos de aula com antecedência; isso lhe permite trabalhar com mais tranquilidade. Relata que seu tempo é bem dividido e que costuma contar com a ajuda de seu filho mais velho na digitação do material que vai utilizar em sala de aula. Aos domingos, gosta de preparar atividades para a semana inteira. Considera-se organizada e, frequentemente, consegue realizar todas as atividades que se propõe dentro do prazo esperado.

Semanalmente, ela conta com 4 horas de trabalho, para planejar suas aulas que distribui em uma hora por dia, sendo que um dos dias fica em sala de aula durante todo o turno. Utiliza esse tempo para rever as atividades que já preparou em casa, aproveita para dar assistência a algum aluno que esteja precisando, elabora atividades com algum colega de trabalho, participa de reuniões ou, às vezes, prefere descansar.

Já fiz muito! O meu material já está todo pronto... vou descansar. Se eu não tiver nenhum aluno para dar assistência, eu posso usar assim. Agora, se eu deixar tudo por fazer... igual prova para corrigir em época de avaliação... eu aproveito esse horário. Igual eu já não dei conta de corrigir em sala enquanto os meninos faziam alguma atividade, eu utilizei esse horário. É melhor do que levar trabalho para casa.

Cristina gosta de preparar suas aulas em casa, mas prefere não levar para fora da escola as provas ou os exercícios de seus alunos para corrigir. Também gosta de compartilhar com suas colegas o material que elaborou. Na sala dos professores, eles costumam sugerir entre si atividades que consideram interessantes para desenvolver com os alunos e Cristina sempre tem alguma contribuição a dar, conforme opinião de algumas de suas colegas.

Mas eu gosto... isso é de cada um. Cada um trabalha da forma que dá conta, né? Eu gosto de preparar as minhas coisas, eu gosto de preparar as minhas matrizes, porque eu sei o que quero quando estou fazendo aquilo ali. Eu gosto de oferecer também. Eu fiz pensando em mim, mas eu ofereço... se quiser usar, pode.

Por ser uma das professoras mais experientes na EMBRA, consegue escolher sua turma e o seu grupo de trabalho. Nessa escola, onde trabalha no turno da manhã, não existe uma política de trabalho em duplas de professores para alunos do 1º ciclo. Cristina é professora referência de sua turma durante 16 horas por semana e, nas 4 horas semanais que tem para desenvolvimento de seus projetos, seus alunos têm atividades com a professora de Espaço e Formas e com a professora de Educação Física.

Entretanto, na escola em que lecionava no turno da tarde — antes de pedir transferência — existe o costume do trabalho em duplas e isso se constitui num desafio para essa professora, já que considera que, para trabalhar em dupla, é preciso haver um bom entrosamento entre os colegas. Caso não haja possibilidade de escolher o seu parceiro de trabalho, prefere assumir a turma sozinha.

A colega com quem eu gostava muito de trabalhar... ela quis ficar como eventual, aí eu fiquei sozinha até que apareceu uma outra com quem eu gostava de trabalhar também. Você trabalhar com quem você não tem afinidade, trocando turma? Se não for com alguém que você tenha afinidade não dá certo, não! É difícil demais! Isso desgasta!

Escolher a pessoa com quem vai trabalhar, quando a organização da escola possibilita, é uma forma de se resguardar de conflitos no ambiente de trabalho. Cristina não gosta de se sentir sobrecarregada e, desse modo, prefere trabalhar com pessoas que, assim como ela, são responsáveis.

Cristina comenta que prefere trabalhar em sala de aula, pois sente que possui mais autonomia quando pode desenvolver sua atividade profissional na atividade de regência. Já recebeu propostas para atuar na coordenação ou mesmo na direção, mas nunca teve interesse. Revela que não gosta de realizar as tarefas em grupo, pois prefere não depender do ritmo e do comprometimento de outras pessoas. Como professora, procura preparar o seu material de trabalho com antecedência e depende apenas de si mesma para cumprir seus objetivos. *“Eu sempre fui de preparar minhas coisas. Até hoje eu preparo... não sei muito fazer no coletivo. Por isso, que eu falo que não gosto de coordenação. Eu gosto de sala de aula porque aí eu faço do jeito que gosto.”*

Está há 10 anos na EMBRA e gosta dessa escola, pois sempre teve bom relacionamento com seus colegas e com a direção. Considera que essa instituição tem sido bem avaliada pela Secretaria de Educação do município por causa do bom trabalho que os professores vêm realizando, mas acredita que o apoio da direção também tem sido importante para manter a coesão do grupo. O respeito à individualidade e à experiência do professor tem sido preservado pela direção e, além disso, a diretora se preocupa com o processo aprendizagem dos estudantes, além de respeitar os tempos de estudo e planejamento dos professores.

Conforme o projeto pedagógico da atual gestão, o plano de trabalho da EMBRA visa construir um modelo educacional com o objetivo de promover a integração do ser humano, tornando possível a sua atuação competente, responsável e digna na sociedade. Para isso, busca uma gestão democrática e participativa, incentivando e valorizando a opinião de todos. Esse objetivo é perseguido pelo grupo de educadores por meio da promoção de reuniões coletivas para monitoramento do processo ensino-aprendizagem, bem como da organização dos tempos dos profissionais visando assegurar momentos para estudo, planejamento, trabalho em equipe e atendimento aos pais e alunos.

Além disso, a direção da escola considera importante facilitar a formação dos docentes em um contexto, no qual novos saberes sejam produzidos em conjunto. A expectativa é por um tipo de profissional flexível, dinâmico e criativo. Pretende-se ainda a promoção de discussões com o coletivo de educadores sobre o planejamento e execução dos gastos das verbas destinadas ao funcionamento da escola. O projeto político-pedagógico da EMBRA apresenta como desafio que a escola incorpore em seu dia a dia a prática do trabalho coletivo, reconhecendo que alcançar o sucesso em equipe é mais fácil do que atingi-lo individualmente.

Cristina relata que em outra escola onde já trabalhou teve contato com uma diretora que fazia questão de se assentar em uma cadeira mais alta quando promovia reuniões com os professores. Isso lhe provocava uma sensação de mal-estar, pois sugeria que a direção se colocava numa posição superior à dos professores. Na mesma ocasião, ela trabalhava em outra escola onde a diretora estava mais próxima do professor, dando apoio necessário quando era pertinente, o que lhe permitia comparar os dois modos de gestão escolar. Sua conclusão é a de que quando a direção é parceira do professor, seu trabalho fica mais leve.

Ao se transferir para a EMBRA, passou a lidar com uma diretora que tinha a característica de ser mais sociável e estar junto do professor. Em sua trajetória nessa escola, comenta que sempre manteve bom relacionamento com a direção. Considera que a atual diretora respeita a individualidade e valoriza o trabalho do professor em sala de aula.

Ela nunca vai à sala da gente, mas conhece todos os alunos, os problemas de cada um. Isso faz a escola crescer... E outra coisa: ela defende a gente lá no sindicato e na Prefeitura. [...] Se chega alguma coisa nela, ela vai lá, ela chama e resolve as portas fechadas... e isso é muito importante... Aqui a direção faz esse papel. [...] Ela já foi diretora da escola, em outra ocasião. Não sei se você sabe que as pessoas que já foram diretoras numa escola elas, geralmente, não permanecem na mesma escola. Aqui, não. Todos os ex-diretores, que eu sei que foram diretores aqui, permanecem na escola. Isso é da EMBRA.

Cristina explica que, costumeiramente, quando alguém exerce cargo de direção evita voltar a trabalhar com regência de turmas, preferindo os cargos de coordenação e supervisão ou, mesmo, preferindo pedir transferência para outra escola. Ou seja, depois que ocupa um cargo de gestão, geralmente não quer voltar a ser subordinado no mesmo grupo ao qual pertencia. Entretanto, desde que começou a trabalhar nessa escola, observou que os ex-diretores não se opuseram a voltar para a sala de aula para trabalhar como professores regentes. Isso evidencia, segundo ela, o cargo de diretor nessa escola não representa uma posição de poder e privilégios.

Aqui, não! A Paula, que hoje é coordenadora, já foi diretora da escola. A Virgínia já foi diretora há anos e agora voltou de novo... A diretora passada está na sala de aula. Então, é uma característica da EMBRA... A direção não é um cargo de poder. Outra coisa que eu acho interessante: eles fazem uma troca de papéis: hoje, eu sou a diretora, mas, na outra vez, eu vou ser a vice... é essa troca de papéis.

Ela comenta que os casos de pedido de transferência são raros e que o grupo de professores é bem entrosado em relação aos objetivos que devem alcançar no trabalho. Além disso, a direção garante autonomia para que o professor realize o seu trabalho em sala de aula e se preocupa em providenciar os recursos materiais necessários para isso. Além disso, o grupo de docentes é coeso.

Poucas colegas pedem transferência... Eu tenho uma colega que aposentou com 30 anos aqui na escola... Tem outra de 30 anos... tem muita gente que está há 25, 30 anos na escola. [...] O grupo aqui ajuda porque é um grupo coeso. Todo mundo se ajuda... Está todo mundo buscando o bem do menino. E a escola dá uma certa autonomia pra gente trabalhar... Ela cobra, mas dá uma autonomia. Você tem um respeito... Eu sinto esse respeito e isso é muito importante. Fazem o possível pra gente estar tendo o que a gente precisa na sala de aula... Isso tudo ajuda, né? E também uma boa relação, um bom relacionamento entre o pessoal da escola.

Cristina gosta de compartilhar com suas colegas as atividades e textos que desenvolve para o trabalho com seus alunos. Os horários reservados para desenvolver seus projetos e mesmo o recreio são, muitas vezes, utilizados para isso. Considera que o bom entrosamento do grupo de professores é graças ao modelo de direção que não incentiva a competição entre os colegas.

Com uma direção que não dá margens a fofocas, não têm mais aqueles grupinhos. Claro que não são às mil maravilhas, como todo relacionamento humano, mas isso ajuda. [...] Você fica mais animada para trabalhar. Você chega aqui às sete horas da manhã e está todo mundo rindo, feliz da vida... É uma ou outra que está para baixo e todo mundo a levanta. Daqui a pouco está todo mundo gargalhando... Acho que isso é muito bom. Isso ajuda a gente também: estar bem no local que trabalha.

1.4. Expectativas e críticas sobre seu trabalho

Cristina se considera uma profissional exigente e preocupada com resultados. Espera que seus alunos se desenvolvam e revela que, em muitas situações, adota uma atitude mais severa para conseguir despertar a atenção da turma. Sente-se como alguém que tem uma responsabilidade especial pelo futuro das crianças, sendo exigente porque acredita que o seu papel como professora é o de fazer com que o aluno aprenda o conteúdo estudado.

Ela se esforça para não precisar se afastar do trabalho por licença médica, mas está ciente dos seus direitos e reconhece que há momentos em que os cuidados com sua saúde devem ser prioritários. Revela-se insatisfeita com a forma como a sociedade muitas vezes interpreta as necessidades pessoais dos professores, considerando que o educador falta ao trabalho de propósito ou por preguiça. Na medida do possível, tenta preservar a sua saúde, mas se adoecer, ela sabe que terá que solicitar licença médica. Desse modo, sente-se incomodada com a possibilidade de ser incompreendida ou julgada como uma profissional irresponsável e mesmo tentando ser coerente com aquilo que acredita, Cristina acaba se submetendo às pressões da organização do trabalho.

Considera seu trabalho como uma atividade importante e demonstra sentir orgulho do seu desempenho, apesar de enfatizar que, diariamente, encontra muitos desafios. O resultado do seu trabalho não está restrito à aprendizagem dos conteúdos pelo aluno. Para ela, os alunos são pessoas com um potencial a ser desenvolvido e o

seu papel é ajudá-los, sendo que o professor é uma personagem fundamental na formação intelectual e moral da criança. Considera que o futuro adulto, no qual seu aluno se tornará, começa a ser formado a partir daquilo que ele aprende em sala de aula sob sua orientação.

Realmente tem que ter muita paciência, muita entrega, muita... tem que ceder muita coisa também. Às vezes, você tem que deixar seus problemas de lado e cuidar daquela vida que está ali. Você é responsável por ele. Você é responsável. Eu tenho filhos e sei o que é estar um ano na vida de uma criança. É muita responsabilidade.

Ela prefere trabalhar com as crianças mais novas porque o desenvolvimento delas fica mais evidente quando comparado ao dos alunos mais velhos. Tem consciência de que as crianças são diferentes entre si e o ritmo de aprendizagem de cada um é singular. Desse modo, não fica frustrada quando um de seus alunos demora mais tempo para evoluir na alfabetização e sente satisfação em ver como, ao final do ano letivo, todos eles adquiriram novas habilidades. Reconhece, nesse progresso, o resultado de seu trabalho e isso representa um incentivo para sua permanência na atividade.

Ela acredita ter um poder para ajudar ou não na construção do futuro de seu aluno e isso vai depender da forma como realiza o seu trabalho. Sente-se com uma grande responsabilidade nas mãos, pois considera que a fase de alfabetização é a base para que a criança continue se desenvolvendo. Desse modo, acha seu trabalho “edificante”.

No seu entender, o trabalho do professor é ajudar o aluno a se desenvolver na aprendizagem dos conteúdos propostos pelas diretrizes pedagógicas para prosseguir em busca da aquisição de outras habilidades e quando Cristina consegue identificar esse desenvolvimento na criança, sente-se recompensada. O fato de perceber que o aluno é capaz de atingir etapas mais avançadas nos anos seguintes, revela concretamente que, como professora, fez corretamente o seu trabalho.

Cristina se preocupa em orientar os pais de seus alunos a respeito do desenvolvimento escolar de seus filhos. Considera que os problemas de indisciplina das crianças, muitas vezes, estão relacionados aos conflitos familiares e à negligência da família. Sabe até onde pode e deve transitar no seu papel de professora, mas sempre que possível convoca os pais a participarem mais da educação de seus filhos. Por isso, seu trabalho é reconhecido pelas famílias. Também considera que a família tem que ser bem tratada pela escola porque, quando esta é aliada do professor, o seu trabalho com o aluno tem maiores chances de ser bem-sucedido. Nas situações em que alguma mãe de aluno a procura nervosa ou irritada, tenta tranquilizá-la, mas não se sente constrangida se tiver de ser franca e enérgica em tais situações.

Muitas vezes, na reunião, eu explico aos pais: “Eu quero assim, assim, e assim.” E falo para eles: “A sua obrigação não é ensinar, não. A minha obrigação é ensinar, a sua é estar orientando, ajudando, cobrando.”

Sua preferência pelo trabalho com crianças em fase de alfabetização é por causa do fato de se sentir mais satisfeita, pois percebe os resultados de seu trabalho de modo mais objetivo e este lhe parece mais palpável. Orgulha-se de ver como as crianças se desenvolveram a partir de sua orientação. Sente-se recompensada com os resultados de seu trabalho, mas comenta que é necessário ter muita disposição física quando se trata de alfabetizar as crianças dos primeiros ciclos. Reconhecer-se nos bons resultados de seu trabalho é fator que a incentiva a dar continuidade nessa carreira, não desistindo diante dos problemas que se apresentam no cotidiano.

Cristina elogia a proposta da Escola Plural de dividir as turmas por ciclos de idade. Desse modo, pode ficar com a mesma turma por dois anos seguidos e dar continuidade ao trabalho de alfabetização.

Quando você trabalha no ciclo, você tem oportunidade de continuar com sua turma por dois anos, três anos... Eu fico dois anos com a mesma turma. Eu acho ótimo, mas eu gosto dos pequenos; na 3ª série, eu não gosto de continuar não. Eu gosto de continuar o primeiro ciclo, acho que é um ganho muito grande. [...] Eu pego essa turma no início do ano — como eles estão hoje — se eu continuar com eles no ano que vem — se eu continuar na escola, eu vou continuar com eles — você entrega no fim do ano e eles estão anos-luz na frente.

Entretanto, Cristina queixa-se do pouco comprometimento das famílias com a educação das crianças, pois acredita que essa é uma tarefa que depende da parceria entre pais e professores. Ela reage com indignação ao comparar o desinteresse de algumas famílias aos esforços que viu seus próprios pais empreenderem para que ela conseguisse estudar.

Além disso, mesmo gostando de seu trabalho, Cristina percebe que algumas propostas do sistema educacional ao invés de servir de apoio para o trabalho docente, são prejudiciais, pois não levam em conta a realidade objetiva dos alunos e suas famílias. Em sua opinião, as normas e diretrizes da educação muitas vezes são discrepantes em relação às condições objetivas do trabalho nas escolas, gerando para o professor o ônus do conflito entre o que é esperado e o que realmente ocorre na prática.

Ela considera que a má qualidade do ensino nas escolas públicas do Brasil não é culpa dos professores e ressalta que, também nas instituições de ensino particulares, os professores estão encontrando muitas dificuldades para realizar seu trabalho.

Ela se recorda que, quando ainda era estudante, os professores gozavam de reconhecimento e de um *status* que não corresponde mais à realidade dos dias de hoje. Apesar de gostar de sua profissão e de investir em sua carreira, percebe que o trabalho em docência não garante uma boa posição social para o professor, atualmente.

Cristina critica severamente as medidas adotadas pelo governo com o objetivo de padronizar o trabalho do professor, desconsiderando sua experiência e o modo de

vida da clientela. Percebe em seu trabalho algumas contradições entre o que é investido pelo professor e o que este recebe em contrapartida. Um desses problemas está na autonomia, já que o professor não pode decidir a respeito das reprovações dos alunos, pois, em sua opinião, o governo não tem interesse em manter os alunos na escola por um longo período de tempo. A lógica da quantidade tem sido mais forte do que os critérios baseados na qualidade do aprendizado do aluno. Quando o professor avalia que um determinado número de alunos deverá ficar retido e repetir o 3º ano do ciclo, a regional interfere, pois não é bom para a escola que haja muitos casos de retenção. Entretanto, na EMBRA, a direção dá aval para a decisão do professor, pois considera que é ele quem conhece os seus alunos.

Se a regional perceber que você deixou uma turma inteira retida, ela vem aqui. Tem um número X que ela aceita de retenção. A não ser que a escola banque. Aqui na escola a diretora costuma bancar: “tem que reter, vamos reter, não quero um número falso.”

A restrição do poder de decisão do professor é percebida por ela como uma desvalorização do seu trabalho e da sua experiência. Os critérios de avaliação do trabalho docente adotados pelo governo, em sua opinião, dão ênfase apenas aos resultados obtidos pelo estudante. Desse modo, os esforços do professor nem sempre ficam evidentes.

Além disso, para ela a satisfação com o trabalho não depende apenas da remuneração do professor, pois o salário não tem sido o maior fator de insatisfação para si, quando pensa nas dificuldades da carreira docente: “Não reclamo do meu salário: “Ah, não vai dar para nada. Mas acaba dando. No final sempre dá.”

Conclui dessa maneira, que permanecer na carreira docente depende de gostar da profissão mais do que da remuneração: “A gente trabalha na marra. A gente está fazendo porque a gente gosta mesmo, porque senão se você for olhar esse lado, você para de trabalhar...”.

1.5. Estratégias para preservar a saúde

Para facilitar a realização de seu trabalho e obter os resultados que se traduzem na aprendizagem dos alunos, Cristina procura adaptar as prescrições externas à sua experiência profissional e ao seu gosto pessoal. Sentindo-se segura de seu saber sobre a docência, essa professora experimenta novas estratégias para realizar o seu trabalho.

Então, não tem jeito de acreditar em tudo que está no livro, não. Tem coisa que posso e tem coisa que não. Isso dá certo e isso não dá. [...] Ainda bem que a gente abraça a situação e manda ver porque os resultados têm melhorado muito, os alunos têm lido muito mais. Têm saído melhor nas avaliações porque nós estamos trabalhando. [...] Eu estou acreditando no que eu faço no que eu estudei e na minha prática de 25 anos de trabalho... E vamos embora porque está dando certo.

Cristina não hesita quando é preciso efetuar mudanças na sua vida profissional, se for para garantir seu bem-estar. Para ela, seu trabalho não deve estar restrito ao cumprimento de regras engessadas. É preciso sentir-se livre para trabalhar, pois considera cada aluno como um ser único que deve ser tratado na sua singularidade, mesmo sendo crianças.

Você tem que conhecer os meninos... Cada menino tem o jeito de tratar. Tem menino que você pode berrar e gritar que ele não está nem aí e continua seu amigo. Ele vai continuar fazendo a mesma coisa. Agora tem uns que se você der um grito com ele, esse menino vai desmontar. Com alguns, você tem que falar duro, com outros, você tem que falar manso. Tem uns que quer que você abrace, todo dia quer um abraço, outros não querem nem esbarrar em você. Cada menino é de um jeito. Quer dizer, você tem que aprender a lidar com isso também.

Ela se preocupa em cumprir o conteúdo das disciplinas que devem ser ensinadas aos alunos, mas procura respeitar o ritmo de aprendizagem da turma.

Para ela, é necessário saber avaliar o que será melhor tanto para a sua vida pessoal quanto para a sua carreira. Por isso, preferiu pedir transferência de uma escola onde gostava de trabalhar para ter o benefício de continuar almoçando em casa e vendo seus filhos. Isso contribuiu para reduzir seu *stress*: “E eu procuro me livrar de tudo que é estressante. Eu procuro me livrar mesmo.”

Confiante no bom trabalho que realiza com seus alunos, Cristina reconhece que a docência é uma atividade desgastante, tanto para o físico quanto para a mente. Ainda assim, não se sente confortável quando precisa se ausentar de seu trabalho por motivos pessoais, pois para ela seu trabalho não se trata de “um bico”. Entretanto, quando percebe que precisa de uma pausa, não se priva de usufruí-la.

Ela relatou que ao final de 2009, ganhou de presente uma temporada num SPA, mesmo faltando 10 dias para o início do período de férias, procurou a equipe médica da Prefeitura para conseguir uma licença, pois estava se sentindo muito cansada e não gostaria de perder essa oportunidade. Já havia terminado todas as atividades do ano letivo. Experimentou um conflito pessoal sobre se devia tentar conseguir uma licença médica ou não, mas sentia que estava realmente precisando descansar.

Faltando apenas um dia para tomar uma decisão definitiva a respeito de solicitar a licença ou desistir da temporada no SPA, resolveu agendar uma visita ao psiquiatra e relatou ao médico sobre sua necessidade de descanso. O médico indagou se ela já havia sofrido com sintomas de depressão, pois a considerou ansiosa. Mas Cristina respondeu que, quando percebe que pode estar à beira da depressão, procura reagir. Afirma que não gosta de se sentir ou mesmo falar que está doente. “*Eu não tenho prazer em falar que estou doente. Eu quero é estar feliz, eu quero estar bem para cuidar de tudo. Nem gripe eu curto, nem gripe. Aí ele me deu a licença, viajei, voltei linda e maravilhosa. Foi ótimo.*”

Ela disse ter se sentido aliviada quando se submeteu à avaliação da junta médica da Prefeitura e a especialista que lhe atendeu ter concluído que o fato de estar se sentindo esgotada já era motivo suficiente para merecer a licença: “[...] É bom ouvir isso de um profissional: (eu também acho)... Eu custei a admitir... para eu pegar essa licença. Mas eu deixei alguém no meu lugar... Já estava tudo planejadinho.”

Apesar de evitar as licenças médicas, Cristina prefere assumir que, algumas vezes necessita de descanso, do que tentar resistir até o fim de sua capacidade física e mental. Mesmo comprometida com seu trabalho, ela não negligencia os cuidados com sua saúde. Aceitar suas fragilidades não se constitui em um sinal de desinteresse pelo trabalho ou falta de profissionalismo. No entanto, de maneira geral, preocupa-se com os alunos, com o bom funcionamento da escola e, por esse motivo, prefere não se ausentar do trabalho, sendo que, algumas vezes, compareceu mesmo doente.

Durante o período em que estávamos realizando as observações na escola, Cristina precisou solicitar uma licença, pois não estava se sentindo bem e, dessa vez, reconheceu que a licença médica se tratava de um direito seu.

Eu te falei que eu não me deixo adoecer, né? Eu estive de licença por três dias porque, dessa vez, eu me permiti. Eu estava precisando... Eu estava precisando ficar em casa e descansar. Aí, eu assumi toda a responsabilidade: não! Eu acho que estou me doando demais! Então, eu mesma me permiti três dias em casa. *Eu aceitei ficar doente...* Porque eu não gosto de aceitar, mas eu estava precisando.

Mas, embora evite ir até o limite de sua capacidade de suportar, Cristina não se sentiu confortável quando precisou dar uma pausa em seus afazeres para descansar. Está acostumada com a correria diária e se orgulha de ser uma pessoa dinâmica. Entretanto, preferiu admitir que estivesse se sentindo muito cansada do que tentar resistir até o término do ano letivo. Para ela, o final do segundo semestre é um período muito desgastante no trabalho docente, pois é quando o professor deverá contabilizar os resultados de todo seu trabalho durante o ano, por meio da avaliação que deverá fazer sobre o desempenho de seus alunos. Além disso, o professor deve se submeter aos prazos estabelecidos pela escola para preenchimento das fichas avaliativas dos alunos, para lançamento nos diários de classe dos conteúdos trabalhados nas aulas e para entrega desses documentos na secretaria. Quando atribui uma nota ao aluno, o professor sente como se estivesse avaliando o seu próprio trabalho e isso muitas vezes pode ser extenuante para uma profissional tão dedicada como é o seu caso.

2. ANÁLISE DO CASO

Logo que iniciou na carreira, Cristina gostou de seu trabalho, pois já nutria uma admiração pela docência desde que era aluna. Nessa ocasião, aproveitou da melhor maneira que podia a oportunidade de estudar para tentar progredir.

O incentivo que recebia de seus professores lhe dava força para superar as dificuldades e ao mesmo tempo fazia com que admirasse mais o trabalho docente.

É importante ressaltar que ela estudou em uma época em que o professor gozava de respeito de toda sociedade e ela também estava interessada em ser merecedora da mesma admiração e reconhecimento social. Entretanto, essa relação sofreu uma grande transformação com o passar do tempo e hoje não é essa a imagem que o docente representa na sociedade. Desse modo, ela tem que estar constantemente avaliando o que a realidade da docência lhe apresenta e criando alternativas para conseguir trabalhar.

Cristina considera que o trabalho do professor não pode ficar restrito ao cumprimento de propostas baseadas apenas em referências teóricas. É sempre o cotidiano da escola, a partir da necessidade que identifica nos seus alunos, que direciona sua atividade. Também não se limita a adotar as atividades que elabora apenas em sua sala de aula. Gosta de compartilhar suas experiências com os colegas de trabalho e, muitos deles, experimentam as sugestões dela com os próprios alunos.

Cristina é capaz de reconhecer em seu trabalho o resultado do seu próprio esforço. Gosta de ser elogiada, mas não depende disso para constatar que, quando seus alunos conseguem obter bons resultados, muito de seu empenho profissional ali está presente. No entanto, apesar do seu grande compromisso com a profissão, tem consciência dos seus limites como ser humano e não aceita que lhe sejam impostas tarefas que julga ser impossíveis. Preocupa-se com seus alunos, mas sempre que possível convoca a participação das famílias na educação das crianças. Além disso, respeita, em grande medida, seus limites físicos e mentais, tentando não ultrapassá-los.

Ela prefere trabalhar em escolas diferentes a permanecer nos dois turnos na mesma escola, pois gosta de diversificar suas atividades e as pessoas com quem convive para ter oportunidade de conversar sobre temas diferentes. Também procura exercer a docência em escolas localizadas próximas de sua casa para ter mais tempo de convivência com sua família. Não abre mão de sua vida pessoal, apesar do seu compromisso e do prazer que sente realizando o seu trabalho.

Trabalhando como professora há mais de 20 anos, admite que esteja se sentindo cansada fisicamente, mas não desanimada: preocupa-se com seus alunos e quer ver os resultados do seu trabalho, pois não o considera como um “bico”. Essa persistência indica que ela tem conseguido preservar sua identidade profissional e sua saúde, pois a falta de envolvimento com o trabalho ou mesmo a exaustão emocional⁽⁶⁾ não aparecem no seu relato. Ao contrário do que vem ocorrendo com muitos docentes, a passagem do tempo e o fato de lidar diariamente com dificuldades, não minou sua disposição inicial para o trabalho.

Para Cristina, é exatamente a experiência adquirida, na medida em que realiza sua atividade, que lhe dá segurança para continuar sua carreira, aperfeiçoando

(6) Conforme o Manual de procedimentos para os serviços de saúde do Ministério da Saúde do Brasil (2001), a síndrome de burnout “tem sido descrita como resultante da vivência profissional em um contexto de relações sociais complexas, envolvendo a representação que a pessoa tem de si e dos outros” (p. 191). A falta de envolvimento com o trabalho, a exaustão emocional e o distúrbio de despersonalização são identificados como fatores dessa síndrome.

cada vez mais sua prática. Por conseguinte, o aumento da frequência de resultados satisfatórios no trabalho, reforça sua autoconfiança, incentivando-a na busca de novas estratégias para realizar sua atividade.

Baseando-se em sua experiência profissional, ela questiona algumas prescrições em seu trabalho e não se priva de elaborar alternativas para realizá-lo a partir da metodologia proposta pelo governo, pois considera que muitas diretrizes que vêm para o professor não são factíveis justamente por não levarem em consideração o cotidiano da escola e a realidade da clientela. Tudo indica que ela consegue realizar satisfatoriamente sua atividade como professora porque é capaz de criar novas normas para sua atividade.

Clot (2006), baseando-se em Canguilhem, destaca que é possível falar de saúde quando o sujeito consegue transformar as imposições da realidade em um recurso para forjar alternativas de enfrentamento dos desafios como novas normas de vida.

A preferência de Cristina pelo trabalho em sala de aula nos dá evidências de que, nesse ambiente, ela tem maior autonomia para realizar sua atividade. A regência permite ao professor um maior controle sobre o processo de trabalho. Nesse espaço, apesar da imposição das normas e técnicas que podem funcionar muitas vezes como obstáculos na relação que se estabelece entre professor e aluno, ela percebe a possibilidade de expressão de sua subjetividade. Assim, tem oportunidade de trazer para a relação de trabalho suas vivências, suas experiências pessoais, sua afetividade, favorecendo a criação de um estilo próprio de trabalho. Isso vai permitir que se reconheça nos resultados de seu trabalho o que a incentiva a prosseguir. Além disso, admitir que não seja perfeita, que possa cometer falhas e que tenha limites físicos e psíquicos também a ajuda na preservação de sua saúde mental.

No caso de Cristina, observamos que a docência é vista como uma profissão que oferece muitos desafios e mesmo dizendo que gosta de seu trabalho, ela admite ser a docência uma profissão que não tem sido compreendida e valorizada pela sociedade de um modo geral e se ressentida disso, pois vai contra os seus objetivos de juventude de conseguir alguma projeção social por meio do trabalho. Mas isso não é suficiente para lhe causar o desejo de desistir da carreira porque sua vida não se resume às atividades profissionais. Preservar sua vida pessoal, cuidar e estar próxima da família são também aspectos essenciais para ajudá-la na preservação da saúde.

Apesar de criticar os métodos desenvolvidos longe da realidade diária da docência, essa professora não os descarta totalmente. Utiliza os recursos que são oferecidos por eles para criar novos meios de abordar seus alunos e mobilizar-lhes a participação.

Ela também convoca a participação das famílias dos estudantes, dividindo com elas a responsabilidade do processo de ensino-aprendizagem. Não se colocar numa posição de única responsável pelo bom desempenho do aluno também ajuda na preservação de sua saúde mental.

Outro fator que favorece essa preservação é o reconhecimento dos seus próprios limites e daqueles impostos pelas características da atividade docente. O seu trabalho depende do ritmo da turma. A tentativa de fazer cumprir os programas sem levar em conta o fato que a docência é um trabalho que envolve interações, é um fator que agrava a ansiedade do professor. No caso de Cristina, a manutenção da saúde é possível também a partir de sua opção por acompanhar as turmas durante dois anos para que, assim, possa ter um tempo maior para desenvolver seu trabalho, sem se preocupar excessivamente com o cumprimento dos prazos.

Outro fator que parece favorecer a preservação da sua saúde mental é a aceitação do adoecimento não como um sinal de fraqueza ou incapacidade, mas como uma pausa necessária para cuidar de si. Observamos que a sua disposição para enfrentar possíveis críticas por muitas vezes adotar uma postura mais independente diante do grupo de professores resulta da experiência que adquiriu no exercício da docência. A coragem de assumir riscos, experimentar o novo, criar novas estratégias para realizar o trabalho, conquistar sua autonomia, não se acomodando às situações aparentemente mais confortáveis, parece ser um resultado da sua experiência de vida, entrelaçada ao que também tem experimentado e apreendido no dia a dia de seu trabalho.

Cristina é capaz de reconhecer aspectos positivos em muitas propostas da Secretaria Municipal de Educação e aproveita, a partir da própria experiência, aquilo que considera bom. Sente-se livre para criar seu estilo⁽⁷⁾ próprio ao realizar o seu trabalho.

Seu relato revela uma postura de não submissão às exigências abusivas do trabalho. Assim, não se preocupar excessivamente com as avaliações⁽⁸⁾ externas também parece contribuir para a manutenção da sua saúde mental. O trabalho do professor, conforme sua percepção, não é avaliado diretamente. O interesse recai sobre o desempenho do discente. Mas considerando que o produto do exercício dessa profissão é a aprendizagem do aluno, essa prática pode conduzir à desconsideração dos esforços empreendidos pelo professor. Por conseguinte, uma questão se impõe para Cristina: quando o aluno não obtém bons resultados nessas avaliações, significa que o professor não foi eficiente? Ela acredita que essa não seja a melhor forma de concluir sobre a eficiência desse profissional, já que esses resultados dependem de múltiplas variáveis, sendo que algumas delas independem do professor. Acreditamos que essa postura crítica a respeito de seu também vem contribuir para a preservação de sua saúde, pois favorece a diminuição de sua ansiedade em relação às avaliações externas na medida em que está consciente de realizar seu trabalho da melhor maneira possível.

Entretanto, é preciso destacar que o apoio da direção da escola também contribui para a realização do trabalho docente de um modo satisfatório, segundo a própria Cristina. Ela afirma que a direção não é um cargo de poder e disputa na EMBRA. Os professores, muitas vezes, se revezam ao ocupar a gestão da escola e, ao término do mandato, não se opõem a retornar à sala de aula como regentes.

(7) Conforme definição de Clot (2006), o estilo diz respeito à maneira pessoal e singular como cada trabalhador incorpora as regras do coletivo de trabalho, influenciando o seu próprio modo de fazer e garantindo maior plasticidade e flexibilidade na execução da atividade profissional.

(8) Tais como PROALFA, Prova Brasil, SIMAVE, Avalia BH.

Para Clot (2010), o coletivo de trabalho não se reduz ao trabalho coletivo onde há apenas uma cooperação dos sujeitos, situada no tempo presente. Ele, na verdade, representa a história do coletivo em cada trabalhador, ou seja, a memória profissional que cada sujeito pode resgatar para si mesmo, com o objetivo de agir. Trata-se do gênero da atividade que se constitui no patrimônio de gestos, palavras e técnicas que serão utilizadas ou não, mas que compõem o legado de uma história que não necessariamente precisa ser dita, pois está subentendida e é identificada por todos que pertencem ao coletivo de trabalho. Cada profissional conhece esse código e é a partir dele que o sujeito pode estabelecer o seu modo particular de realizar a sua atividade, sendo, então, capaz de reconhecer-se na sua atividade. Nas situações profissionais em que o sujeito está impedido de recriar seu modo de fazer a partir da história do coletivo de trabalho, ele apenas executa a tarefa sem se sentir parte de sua atividade. Desse modo, muitos casos de adoecimento no trabalho encontram aí a sua origem. Entretanto, se o trabalhador puder desenvolver sua atividade e, conseqüentemente, afetar a atividade do coletivo, imprimindo nele algo de si mesmo, poderá recuperar o sentido e o poder de agir naquilo que realiza.

Como foi possível identificar, a partir do relato de Cristina e de nossas observações na EMBRA, o trabalho do professor não se restringe à execução das tarefas que previamente são prescritas pelo governo municipal. Desse modo, o docente pode se sentir livre para criar outras possibilidades de realizá-lo a partir dos meios que lhe são disponíveis e das trocas de experiências que são estabelecidas no coletivo. Sendo assim, não podemos negligenciar o fato de que o contexto dessa escola seja altamente favorável, permitindo aos docentes o exercício da autonomia e a construção de um estilo próprio de trabalho, o que é, infalivelmente, central na preservação da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo de caso confirmou que o trabalho em docência está repleto de desafios para o professor que dizem respeito tanto às questões mais objetivas do cotidiano, quanto às que estão relacionadas aos tempos e processos inerentes a essa profissão, bem como àquelas que estão relacionadas ao fato de ser a docência uma atividade que se efetiva somente a partir da interação entre pessoas, conforme Tardiff e Lessard (2008).

Ao nos aproximarmos do trabalho professor, realizando observações de sua atividade, conhecendo o seu local de trabalho e ouvindo o seu relato sobre o dia a dia da docência, interessou-nos saber como ele consegue realizar o seu trabalho e preservar sua saúde mental, já que a docência atualmente tem sido considerada como uma profissão que implica superar desafios cotidianamente.

Consideramos importante ressaltar que não se trata de atribuir somente aos fatores sociais as causas diretas do mal-estar docente. Concordamos com Le Guillant (2006) quando afirma que tanto as condições do meio quanto os acontecimentos cotidianos têm um significado singular para cada indivíduo. Para que possamos compreender a dinâmica que se instala entre o trabalho docente e a possibilidade de

preservação da saúde do professor é necessário que consideremos também a trama que se estabelece entre as condições materiais do trabalho e as experiências vivenciadas pelo sujeito em sua história pessoal. Desse modo, uma investigação que leve em conta apenas os fatores sociais ou apenas os fatores psicológicos como causadores de sofrimento ao trabalhador irá culminar em uma análise equivocada, sobretudo, pelo seu reducionismo.

Um fator que parece contribuir significativamente para a preservação da saúde desse profissional é a experiência adquirida e acumulada ao longo de sua carreira. Um longo período na carreira docente, antes de significar apenas o desgaste para o profissional ou ser o fator desencadeante de distúrbios mentais, pode lhe proporcionar a aquisição do conhecimento sobre o dia a dia de sua atividade, permitindo-lhe antecipar os possíveis problemas para, desse modo, criar soluções inovadoras sem muito esforço, afastando, então, as possibilidades de mal-estar na profissão e garantindo a confiança necessária em sua habilidade. O professor mais experiente é também aquele que conhece todos os códigos do gênero da atividade. Conforme Clot (2010), o trabalhador experiente traz em si toda a história do coletivo de trabalho e, conseqüentemente, tem melhores condições de lançar mão do conhecimento adquirido pelo seu grupo de docentes, criando um estilo próprio de trabalho. Desse modo, o poder de agir é adquirido junto do coletivo de trabalho e está relacionado àquilo que o sujeito consegue mobilizar de sua atividade pessoal a partir do universo das atividades dos outros.

Ressaltamos ainda que a obtenção de resultados satisfatórios na docência não depende apenas do desempenho do professor. O aluno é ativo no processo de ensino e aprendizagem e a sua participação é um fator importante no trabalho docente. Desse modo, a docência não pode se efetivar como um trabalho isolado.

Também observamos que, mesmo para o professor bem capacitado, não é possível fazer previsões exatas sobre os resultados do processo de ensino e aprendizagem, pois o grupo de alunos tem um ritmo próprio, cabendo ao docente conduzi-lo enquanto coletivo, mas tentando sempre favorecer o despertar do potencial de cada um. Desse modo, as turmas não podem ser tratadas como uma massa amorfa que deverá ser moldada pelo docente. Isso fica claro no pensamento de Vygotski (2005), ao dizer que a criança utiliza, de um modo ativo e em si mesma, as formas de conduta que os outros utilizaram primeiramente com ela. É a partir desse movimento que sua atividade individual vai se desenvolver na atividade social. Os recursos que favorecem o seu desenvolvimento são fornecidos a partir das relações que estabelece com os outros na interação que ocorre em tempo real ou mesmo por meio do resgate de toda a história da humanidade.

Assim, o aluno toma parte do processo de ensino-aprendizagem, trazendo consigo aspectos de sua subjetividade e as marcas de sua história pessoal. Por esse motivo, deve ser considerado em sua singularidade, o que constitui desafio diário para os educadores. Como se trata uma atividade que pressupõe o intercâmbio entre pessoas, as novidades, as situações inusitadas, as surpresas são bastante frequentes nesse processo. Desse modo, quando as condições de trabalho impedem que o docente

desenvolva, a partir das diretrizes educacionais, o modo particular de trabalhar, passa apenas a executar o que já está estabelecido e, conseqüentemente, torna-se incapaz de se reconhecer em sua atividade. Tal restrição ao seu modo de trabalhar pode resultar em alguma forma de desgaste ou mesmo no adoecimento.

Em nosso estudo, também observamos que o sujeito pode ser capaz de mobilizar, a partir do universo das atividades do grupo a que pertence, saídas possíveis e inovadores para lidar com os problemas. É justamente ao enfrentar os problemas que o sujeito pode adquirir a experiência necessária para defrontar futuras situações que possam ameaçar a preservação de sua saúde. Clot (2010) baseia-se em Canguilhem (1990) para afirmar que, nessas situações, o sujeito terá possibilidade de resgatar o seu poder de agir como uma resposta às dificuldades. Mas o autor ressalta ainda que ele seja desenvolvido justamente a partir e junto do coletivo profissional, onde o sujeito se abastecer para criar o próprio estilo de realizar sua atividade.

Desse modo, é preciso destacar a importância do apoio da direção da escola no sentido de contribuir para a coesão do grupo de professores e para a realização do trabalho docente. Assim, as dificuldades que se apresentam a partir da interação professor-aluno podem ser superadas quando o docente tem possibilidade de criar estratégias de abordagem da turma baseando-se na própria experiência e em conformidade com o ritmo da aprendizagem dos alunos. Como o trabalho do professor é um trabalho de interações, na situação em que ele se percebe como protagonista de sua atividade, possuidor de autonomia e de poder de decisão, terá maiores condições de desenvolver estratégias criativas para realizar seu trabalho.

Além disso, quando o professor tem possibilidade de articular os aspectos de sua história pessoal com condições de trabalho que não venham a restringir sua autonomia profissional, apesar das dificuldades que possam estar presentes, será capaz de forjar novos meios de realizar sua atividade.

O nosso estudo de caso também trouxe evidências de que, quando os professores formam um grupo bem entrosado, podendo trocar suas experiências e conhecimento entre si, têm maiores oportunidades para garantir a preservação de sua saúde, pois, assim, se percebem verdadeiramente como parte de um coletivo profissional. Ao procurar desenvolver novos recursos para atuar com seus alunos, compartilhando-os com os colegas, o professor também contribui para renovar as práticas de se trabalhar em seu grupo. A possibilidade de criar um estilo próprio para realizar o seu trabalho é fundamental para a manutenção da sua saúde, bem como para garantir o desenvolvimento da docência sob o aspecto de gênero da atividade, pois, conforme Clot (2006), o gênero se renova a partir da criação e da divulgação das inovações que o trabalhador pode desenvolver em seu estilo próprio de realizar a atividade.

Esse autor ressalta que o trabalho coloca o homem diante de si mesmo, do produto que cria e do outro, pois se constitui na capacidade humana de estabelecer engajamentos (Clot, 2006). Entretanto, ele perde o sentido quando não permite a realização das metas e valores que o sujeito extrai de todos os domínios de sua vida, podendo gerar sentimentos de mal-estar e levar a um conseqüente adoecimento.

Entretanto, o mesmo autor, baseando-se em Canguilhem, também destaca que quando essa impotência para agir se torna uma provocação à ação e, a partir disso, o sujeito consegue transformá-la num recurso para forjar alternativas de enfrentamento dos desafios como novas normas de vida, encontramos, então, a saúde. Ou seja, se diante das dificuldades que se apresentam no seu dia a dia, se sente desafiado e reage, buscando estratégias criativas para conseguir realizar sua atividade, poderá ser capaz de se manter saudável. Poder de agir, conforme Clot (2010), é a possibilidade de criar novas normas. É poder dizer não àquilo que as dificuldades no trabalho impõem, sem negar sua existência. Enfim, é a tentativa de ultrapassá-las criando alternativas de vida.

Outro fator que emergiu desse estudo e que pode estar relacionado à insatisfação do professor, é o fato de seu trabalho ser reconhecido de modo indireto, ou seja, a partir do desempenho do estudante, já que o produto de seu trabalho é a aprendizagem do aluno. Percebemos que tal prática revela uma desconsideração pelos esforços que são empreendidos por esses profissionais para a obtenção dos resultados esperados.

Concordamos com Paschoalino (2009) quando afirma que a perda do reconhecimento profissional nos dias atuais é um importante fator de mal-estar para o professor. Mas, além disso, nosso estudo trouxe evidências de que, quando o docente é capaz de se reconhecer nos bons resultados de seu trabalho, tem maior disposição para prosseguir nele, independentemente do reconhecimento externo. O reconhecimento do trabalho pelo outro é importante, mas reconhecer sua própria marca nos resultados de seu fazer, parece favorecer marcantemente a satisfação do profissional (Clot, 2010).

Há que se valorizar também o saber do trabalhador que se renova no dia a dia do exercício da profissão. É preciso que o docente seja convocado a participar das resoluções sobre as diretrizes da educação, deixando de ser considerado como um mero executor das prescrições desenvolvidas por acadêmicos, distantes da realidade da escola e dos alunos.

Como nos indica Lima (2002a, p. 246), é fundamental atentar para “o modo pelo qual se articulam as características pessoais e certas condições de vida e trabalho, sem jamais desconsiderar a prioridade ontológica das últimas sobre as primeiras”. A preservação da saúde do professor está relacionada à sua disposição para estabelecer novas possibilidades de realizar sua atividade a partir do que a realidade lhe vai apresentando, sendo que isso será possível na medida em que a organização do trabalho não impeça as trocas de experiências que serão estabelecidas com o coletivo.

Desse modo, destacamos como essencial que as políticas públicas que dizem respeito à educação, busquem estratégias de valorização dos trabalhadores em docência não só a partir do suprimento das necessidades materiais. Boas condições de trabalho e salários compatíveis com a formação, qualificação, experiência e as necessidades pessoais do sujeito são muito importantes e devem ser consideradas, mas a garantia da liberdade de atuação do professor, possibilitando-lhe expressar sua subjetividade e permitindo-lhe criar recursos inovadores de ação no trabalho parecem ser essenciais para a manutenção de sua saúde.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Fernando. O que é Construtivismo. *Revista de Educação AEC*. Brasília, vol. 21, n. 83, p. 7-15, abr./jun., 1992.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1990. p. 307.
- CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 218.
- _____. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010. p. 343.
- CODO, Wanderley. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 432.
- LE GUILLANT, Louis. Escritos de Louis Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. In: LIMA, Maria Elizabeth Antunes. (Org.) *Travaux et écrits de Louis Le Guillant quelle psychiatrie pour notre temps?* Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 359 p.
- LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A questão do método em Psicologia do Trabalho. In: GOULART, Íris Barbosa (org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a. p. 123-132.
- _____. Aprisionado aos ponteiros do relógio: um caso de transtorno mental desencadeado no trabalho. In: CODO, Wanderley; JACQUES, Maria das Graças (orgs.). *Saúde Mental e Trabalho — Leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002b. p. 209-246.
- _____. Esboço de uma crítica a especulação no campo da saúde mental e trabalho. In: CODO, Wanderley; JACQUES, Maria da Graça Correa. *Saúde mental e trabalho-leituras*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002c. p. 50-81.
- _____. A relação entre distúrbio mental e trabalho — evidências epidemiológicas recentes. In: CODO, Wanderley (org.). *O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 139-160.
- _____. Transtornos mentais e trabalho: o problema do nexos causal. *Revista de Administração da FEAD — Minas*, 2(1), p. 73-80, 2005.
- LUILHIER, Dominique. *Cliniques du travail*. Paris: Éditions Érès, 2007. p. 246.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde do Brasil. *Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Organizado por Elizabeth Costa Dias et al. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil. Editora MS, 2001.
- PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. *O professor desencantado: matizes do trabalho docente*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009. p. 151.

_____. *O professor desencantado: matizes do trabalho docente*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009. p. 151. Resenha de MOTA, Valéria Maria da Conceição. O professor desencantado: matizes do trabalho docente. *Revista da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. Brazilian Journal of Labour Studies*, 8(2), p. 165-166, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. *Escola Plural — Proposta Político-Pedagógica*. Caderno 0. 1. ed. Belo Horizonte, 1994.

SÈVE, Lucien. Marxisme et Theorie de la Personnalité: retour sur la gènese d'un livre. In: OROFIAMMA, R.; DOMINICÉ, P.; LAINÉ, A. Les histories de vie: theories et pratiques. *Education Permanente*, n. 142, 2001, p. 11-25. Paris: Université de Genève. Faculté de Psychologie e des Sciences de l'Education, 1969.

TARDIFF, Maurice. & LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes. 2008. p. 317.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Recebido em 20 de abril de 2011.

Aceito em 10 de julho de 2011.